

UNIDAD 5:
A cobertura.
Uma ajuda adequada. A MORAL



Esta unidade aprofunda sobre a dimensão moral da pessoa. Se apresenta a moral aos jovens não como um peso mas como uma ajuda no caminho.
Reconheceram a dimensão moral como algo constitutivo deles mesmos e como seus atos tem consequências neles mesmos e nos outros, já que seus atos podem ser moralmente bons ou moralmente maus.
Percorreram o caminho do valor da vida e a dignidade humana.

Os jovens desta idade aprenderam a separar-se do núcleo familiar e estabelecem novas relações com o círculo social onde se movem, produzindo-se um avanço radical na construção de sua própria identidade. A sociedade atual mostra aos nossos jovens um conceito de sexualidade carente de conteúdo ou com um significado desvirtuado, totalmente separado da pessoa.

É urgente acompanhar os jovens neste momento crítico em que devem ser capazes de contrastar a realidade em que vivem e descobrem o critério de verdade que está inscrito no mais profundo do coração de todo homem e que lhes confere sua dignidade como pessoa.

O desenvolvimento da unidade tenta oferecer ao jovem aluno uma visão adequada do ser humano e um conceito de sexualidade integrado na totalidade da pessoa em função do amor e a vida. Todo ele oferecido da perspectiva da moral cristã, que fundamenta os princípios para que os jovens compreendam a problemática atual e sejam críticos ante as ameaças da vida e a dignidade humana.

A moral é uma ajuda que lhes abre o mundo, lhes torna críticos e provoca neles o desejo de conhecer a verdade sobre a dignidade humana, o sentido do corpo, o direito a vida, a morte digna, o direito a maternidade, a adicção as drogas e ao álcool.



Nesta etapa se pretende impulsionar aos jovens para que saibam argumentar com juízo crítico a visão redobrada desta problemática da moral humana, começando pelas suas próprias vidas e ao redor deles. Fomentando a responsabilidade de seus atos e reconhecendo que sempre os atos pessoais tem conseqüências.

Se os jovens, ao finalizar esta etapa são capazes de sentir o chamado a colaborar na sociedade para tornar um mundo melhor, a unidade terá tido êxito.

Este percurso terá contribuído para que os jovens cresçam em maturidade, fortalecendo a construção de sua própria identidade em base a uma dimensão transcendente necessária para a formação integral da pessoa.

1. O que me oferece o mundo?

“Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo”

(Rom. 12,2)

- **A publicidade do consumismo.** O publicitário francês F. Beigbeder escreveu que a insatisfação é a alma verdadeira do comércio: quem nos impõe os estilos de vida através da comunicação não deseja nossa felicidade, pela simples razão de que as pessoas felizes não consomem.
- **Uma ideia falsa de pessoa nos rodeiam na sociedade...**
 - **consumista**, onde a pessoa acaba sendo um simples objeto de desejo;
 - **utilitarista**, onde a pessoa vale segundo o que me oferece ou me dispõe;
 - **competitiva**, onde a outra pessoa é um inimigo a derrotar;
 - **dualista**, onde a pessoa não se vê como uma unidade de corpo e alma.
- **Temos que ter um olhar crítico de forma** que nos permita manter presente o sentido de nossa vida e nos impeça deixar-nos só pelo útil, mantendo-nos verdadeiramente livres. Temos que saber ser críticos ante todos aqueles convites a converter-nos em objetos de consumo – tanto como meros consumidores, como simples objetos para ser utilizados – situação em que é mais fácil que nos manipulem. Vivemos em uma sociedade líquida (Z. Bauman), que entroniza o efêmero, o fugaz, o etéreo, o episódico, o mutável e sem compromissos. Uma sociedade que insiste em enfraquecer todos os vínculos, salvo o do consumo. Se vende mais se absolutiza a experiência do prazer, da satisfação e gratificação imediatas.
- Disse Ch. Taylor que há três desconfortos sobre a modernidade: “o primeiro é sobre o que podemos chamar uma **perda de sentido**, o apagar os horizontes morais. O segundo trata do **eclipse dos fins**, em favor de uma imperante razão instrumental – o referido antes da preponderância do valor das pessoas ou das ações por questões puramente pragmáticas e utilitaristas - , e o terceiro é a **perda da liberdade**”.

2. A moral em meu coração

“Porei minha lei em seu interior e a
escreverei em seus corações”
(Jr. 31,33)

- **Tenho uma dimensão moral?** Sim, forma parte de mim, como parte da dimensão espiritual; recordemos as dimensões da pessoa: física, afetiva, social, intelectual e espiritual. Não é um complemento, mas que é constitutivo da minha pessoa. Por esta razão, todo **ato pessoal**, pelo fato de ser pessoal é um **ato moral**.
- **A moralidade é própria e exclusiva da ação humana:** é o único ser que pode cumprir livremente com seus atos, com o fim último a ordem moral que lhe corresponde.
- A liberdade neste sentido se pode entender como a capacidade da vontade de mover-se por si mesma ao bem que a razão lhe apresenta. Em outras palavras, é a indeterminação intrínseca da vontade para querer ou não querer algo, ou querer isto ou aquilo.
- O homem pode ou não cumprir seu fim pois é o único dono de seus atos: atua livremente enquanto o resto dos seres são levados a fazê-lo. Assim o animal, que é movido pelo que se chama instinto.
- **A liberdade faz do homem um sujeito moral.** Os atos humanos, isto é, livremente realizados depois de um juízo de consciência, são qualificados moralmente: são bons ou maus (cfr. CCE, 1749). aqui são relacionadas a liberdade, a vontade e a consciência.
- **Os atos devem ordenar-se a um bem maior.** Existem muitos bens ou valores. Posso reconhecê-los porque a moral está inscrita em meu coração, em meu corpo, em minha pessoa. O bem não é sujeito, mas que está sujeito a este bem maior. Por esta razão é necessário buscar o “todo”, não só uma parte da verdade.

3. Onde buscar o Bem Maior?

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”
(Jo. 14,6)

- **As fontes da moralidade.** A moralidade dos atos humanos depende do objeto escolhido, do fim que se busca ou a intenção, e das circunstâncias da ação:
 - **O objeto escolhido** é um bem pelo qual tende deliberadamente a vontade. Especifica moralmente o ato de querer, segundo o que a razão o reconheça e o julgue conforme ou não conforme ao bem verdadeiro (cfr. CCE, 1751).
 - O objeto moral é o fim próximo de uma ação deliberada que determina o ato do querer da pessoa que atua. (VS,78).
 - **O fim é** o término primeiro da intenção e designa o objetivo procurado na ação. A intenção é um movimento da vontade para um fim; visa o término da ação. Aponta o bem esperado da ação empreendida. Não se limita a direção de cada uma de nossas ações tomadas isoladamente, mas que pode orientar toda a vida para o fim último (CCE, 1752).
 - **As circunstâncias**, aquilo que rodeia a ação, são elementos secundários de um ato moral. Contribuem a agravar ou a diminuir a bondade ou a malícia moral dos atos humanos. Podem atenuar ou aumentar a responsabilidade de quem atua. Mas, não podem por si modificar a capacidade moral dos atos; não podem fazer nem boa nem justa uma ação que em si é mal.
 - Na ordem moral, as ações humanas não esgotam sua bondade no objeto moral e no fim da ação. Terá que levar em conta as circunstâncias pois são “acidentes” que modificam o objeto moral. Os principais tipos de circunstâncias morais que afetam aos atos humanos são:

- a. **Quem age** isto é, a pessoa que realiza a ação. Não tem a mesma moralidade o juízo falso de um notário que é de uma pessoa privada.
 - b. **A qualidade e quantidade do objeto produzido.** Não é o mesmo roubar um lápis que roubar um carro.
 - c. **Lugar da ação.** Não qualifica do mesmo modo a ação cometida em um lugar público que em um lugar secreto.
 - d. **Os meios empregados** Não é o mesmo um roubo com ou sem violência.
 - e. **Modo moral em que se realiza a ação.** É distinta a moralidade das ações segundo se cometem com deliberação plena ou não (não é o mesmo insultar estando embriagado que sóbrio... mesmo que seja responsável pela embriaguez)
 - f. **Qualidade e quantidade do tempo.** Por exemplo, a duração de um sequestro ou a diferença entre um ato cometido em estado de guerra ou de paz.
 - g. **Motivo pelo que se realiza um ato.** Uma pessoa pode ajudar ao próximo com o fim de praticar a caridade, mas também por um certo desejo de que lhe agradeçam seu serviço. Ou por vaidade.
- Pode ser de interesse gráfico o seguinte esquema que mostra o que assinala e complementaria Pedro Lombardo, quando diz: *“As ações são boas ou más pelo fim, a exceção das que são más por si”*, que quer dizer que se o objeto moral é mal a ação é má mesmo que o fim perseguido fosse bom.

Esquema moral da ação					
<u>Elementos da ação</u>	<u>Boa</u>	<u>Má</u>			
Objeto	+	+	+	+	-
Circunstância	+	+	-	-	-
Fim	+	-	+	-	-
Resultado	+	-	-	-	-

O esquema introduz um elemento de interesse, “o resultado”, que nos levaria a abordar o **consequencialismo** que faz referência a todas aquelas teorias que apoia que os fins de uma ação supõe a base de qualquer apreciação moral que se faz sobre tal ação. Assim, seguindo esta doutrina, uma ação moralmente **correta** é a que tem boas consequências e bons atos. Mas neste momento não consideramos oportuno aprofundar nela, salvo para ensinar **que o resultado bom há de ser querido para que a ação seja considerada moralmente boa**. O consequencialismo se distingue da virtude ética em que se baseia a Moral cristã, em que está enfatizada o tipo de ação em lugar de suas consequências. Também difere da ética da virtude, a qual se centra na importância das motivações do agente.

- **O ato moralmente bom** supõe a vez da bondade do objeto, do fim e das circunstâncias. Uma finalidade mal corresponde a ação, mesmo que seu objeto seja bom (CCE, 1755).
- É errôneo julgar a moralidade de nossos atos sem considerarmos só a intenção (o fim) que os inspira ou as circunstâncias que lhe rodeiam. Há atos que, por si e em si mesmos, independentemente das circunstâncias e das intenções, são sempre gravemente ilícitos por razão de seu objeto. Não é permitido fazer o mal para obter um bem (cfr. CCE, 1756).
- **O fim não justifica os meios**. Uma intenção boa não torna nem bom e nem justo um comportamento em si mesmo desordenado. Pelo contrário, uma intenção má sobreposta converte em mal um ato que pode ser bom (cfr. CCE, 1753). Se perde de vista a unidade intencional da ação. A escolha de um meio não cai jamais fora da intenção, já que a intenção inclui em si mesma a escolha de tal meio.
- **Então, o que procuro com minha atitude?** Busco alcançar a plenitude do que me foi dado como um dom: busco alcançar a comunhão com o bem que me seduz, com a pessoa que atraiu de forma absoluta. Mas, a intencionalidade da minha ação se plasma em diversos momentos, quer seja quanto a dirigir-se a um fim (por minha intenção) ou a um meio (por minha escolha).
- **Meus atos tem consequências?** Sim, sempre. Algumas vezes serão boas e outras más. O que eu faço, meu comportamento, minha atitude, minhas ações me fazem crescer como pessoa ou me faz dano, me torna pequeno, e o mesmo com os outros. Por isso, não só repercutem em minha felicidade, em minha dignidade e em minha plenitude como pessoa, mas que afetam a vida dos outros.

4. Sou filho: direito, presente ou problema?

“ Tu criastes minhas entranhas, me teceste no ventre materno”
(Sal 139,13)

- **A sacralidade da vida.** O fundamento e a justificação deste caráter sagrado não vem dado pelo fato de que a vida humana seja “vida”, mas pelo fato de que é “humana”, ou seja, vida da pessoa como tal. É sagrada a pessoa e, por participação, é sagrada sua vida. Este fato confere um caráter moralmente bom ou mal a diversos atos relacionados com a vida humana, do nascido ou do não nascido (“*nasciturus*”).
- **Os filhos – e todos os que nasceram – são sempre um dom de Deus** Todos, sejam quais forem as circunstâncias pelas quem veio a existir, são objetos do amor de predileção de Deus Pai que quer tornar-se palpável em seus pais. A geração poderá não ter sido segundo o desígnio de Deus, mas desde o início a vida humana é sempre um dom pessoal de Deus Pai, e Ele nunca se arrepende de seus dons. Os filhos podem ser inesperados, mas nunca são ou deveriam ser não-desejados. Sabemos que Deus os desejou, pelo simples fato de que existem; e a alguém que queira compartilhar do seu desejo paternal, para alguém que vai ser chamado a ser a transparência pessoal do seu sim paternal e sempre acolhedor.
- **O filho como problema e não como esperança.** O nascimento de um *filho* se torna como um problema social, como uma carga econômica que acarreta uma série de dificuldades no futuro, especialmente educativas. Já não se vê socialmente ao filho como uma *esperança* para o rejuvenescimento social e como um dom precioso para a família. (FSV, 40).
- **O filho não é um direito mas um dom.** O filho não pode ser considerado como um objeto de propriedade, o que levaria ao reconhecimento de um pretendido “direito ao filho”. Só o filho tem verdadeiros direitos (cfr. CCE, 2738) um filho não é um mero efeito de um processo biológico natural, mas uma pessoa que deve ser aceita em um ato de amor, de entrega e acolhida. (FSV, 69).
- **A acolhida do filho** não acontece quando chega ao mundo, mas acontece no mesmo ato de amor conjugal, mesmo que os esposos não sejam conscientes de que viria uma vida, mesmo que não quisessem de que naquele ato viesse uma vida: se existia verdadeiro amor conjugal, era um ato capaz de gerar vida e comunhão.
- **Ser filho exige se acolhido** com esse amor incondicional que caracteriza a paternidade. Graças a este amor, cada pessoa poderá descobrir-se como única e irrepetível, já que é querida por si mesma.

5. Posso perder minha dignidade? minha vida?

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”
(João 10,10)

- **A dignidade da pessoa humana.** Somos pessoas, e por isso temos uma dignidade e não temos preço. Estamos excluídos dos calculos, porque somos a mesma medida do cálculo. Não podemos ser utilizados como meios, mas que somos um fim em nós mesmos. Por isso todos merecemos igual consideração e um respeito incondicional. Tanto falamos da pessoa em seus diferentes estágios de sua vida, embrião, recém nascido, adolescente, ancião,... como em suas diferentes situações de saúde ou enfermidade e em suas diversas condições de sexo, raça, crença, origem, etc.
- **Se atenta contra a dignidade da pessoa** com alguns dos riscos mais sombrios de um certo modo de pensar e de viver que se faz passar por moderno e desenvolvido. Quando o mundo se organiza a partir do indivíduo e do intercâmbio de bens materiais, a pessoa fica a mercê do **utilitarismo** e do tecnicismo que valorizam mais o bem estar, o prazer e a eficácia produtiva de artefatos de trabalho ou bens de consumo que as próprias pessoas em si mesmas. Uma organização assim do mundo se faz sujeita a estruturas de pecado que é necessário denunciar e combater (FSV, 105).
- **O hedonismo verifica a Deus de minha vida.** O hedonismo é a antítese da busca transcendente, me fecha em meu mundo, me impede de superar-me e me alarga indefinidamente limite de minhas aspirações, e a saciar meus desejos através de paixões degradantes, as quais destroem os fins mais altos e me deixam imerso no vício, na solidão e na angústia. Com isso, perdemos nossa liberdade e até o sentido mesmo da vida. O fim: a solidão e a desesperança.
- **Perder o sentido de Deus** Leva a pessoa a vivência do drama que caracteriza em grande medida o homem contemporâneo: “perdendo o sentido de Deus, se tende a perder também o sentido do homem, se sua dignidade e de sua vida” (EV, 21).
- **“Cultura da morte” versus “Cultura da vida”.** *O trabalho em favor do respeito a vida humana* e contra a cultura da morte só para ser estigmatizado como próprio de atitudes retrógradas, que não estão a altura da vida moderna e democrática. Se acusa, a quem se comprometem tais trabalhos, de pretender impor seus critérios privados como normas da ética pública que deveria inspirar a convivência de todos (FSV, 108).

- Se esvaziássemos a dimensão sexual do ser humano de seu significado pessoal nos conduziria a ver as pessoas “úteis” ou “meios de satisfação”. Não é difícil constatar as nocivas consequências deste esvaziamento de significado: uma *cultura que não gera vida* e que vive a tendência cada vez mais acentuada de converter-se em uma *cultura de morte* (VAH, 57).
- **O santuário da vida é a família** (FSV), porque é, constitutivamente, “o âmbito onde a vida, dom de Deus, pode ser acolhida e protegida de maneira adequada contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um autêntico crescimento humano. Contra a chamada cultura de morte, a família constitui a sede da **cultura da vida**” (CA, 39).